

**EDUCAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO TRADICIONAL NA ESCOLA  
GUARANI WHERÁ TUPÃ POTY D’JÁ: DESAFIOS DO ENSINO PARA O 4º E  
5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Ronaldo Antônio Barbosa

Como membro do povo Guarani desafiei-me a ingressar na universidade para contribuir com o diálogo intercultural com a sociedade não indígena. A escola em minha comunidade é uma realidade recente, fruto de muita discussão e ponderações por nossos sábios e sábias que temiam a perda dos conhecimentos e práticas tradicionais pelas nossas crianças, a perda dos conhecimentos e práticas tradicionais, afinal a experiência da escola nas comunidades indígenas no Brasil sempre foi com objetivo de nos transformar em “djuruá” (não indígena), alguns até chamavam-na de “fábricas de fazer brancos”.

A pergunta lançada era se poderíamos viver nos dias de hoje sem a escola. Concluímos que não, porque necessitamos de algumas ferramentas do mundo dos djuruá kueri para nos relacionar com eles e defender nossos direitos, especialmente de ter nosso território, lugar que nos possibilita continuar sendo Guarani. Já que para os djuruá é difícil entender nossa linguagem, nossa cosmovisão e por isso mesmo aceitar nosso tekó/mo de ser, optamos por aceitar a escola. Portanto, a necessidade da escola foi para estabelecer a relação com o mundo dos djuruá kueri porque internamente temos nossos sábios, nossas escolas que são nossas opy/casa de reza e nossa pedagogia própria.

Ingressamos na universidade para buscar conhecer mais a lógica dos djuruá kueri, como pensam, como agem, por que agem dessa maneira e estabelecer um paralelo com nossos conhecimentos. Buscamos um curso que possibilitasse essa troca, e o escolhido foi curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica porque ele não se limita a possibilitar a presença indígena em ambiente acadêmico, ele é uma possibilidade pedagógica de diálogo entre os diferentes saberes, uma forma de inclusão que permite criar o novo, o diferente.

Porém, o desafio maior foi estar em sala de aula aplicando os conhecimentos que imaginamos serem condizentes com a necessidade de nossas crianças e nosso povo. Esse desafio ocorreu durante o 6º semestre do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica quando iniciamos a prática pedagógica de nosso estágio docência. Esse primeiro estágio está voltado para os anos iniciais do ensino fundamental e educação infantil, ou seja, com alfabetização, letramento e as primeiras relações de nossas crianças com o universo da escola. Consideramos esse um dos principais desafios, porque ao tempo que desejamos fazer um diálogo intercultural, sabemos o quanto há de dificuldades em transmitir conhecimentos no sistema de tempo dos djuruá kueri, fundados no relógio e no ano letivo de março a dezembro.

São essas experiências que desejamos socializar nesse II Simpósio, apresentar nossas práticas pedagógicas e conhecer as práticas de outros colegas da sociedade não indígena, falar do específico da educação escolar indígena e dos desafios dessa construção.